



Nº9 (2023)

121

O PEDIDO DE PRISÃO DE LULA NO CASO TRIPLEX DO GUARUJÁ: A CONSTRUÇÃO DO ETHOS DA REVISTA CARTA CAPITAL

THE REQUEST FOR LULA'S ARREST IN THE TRIPLEX CASE OF GUARUJÁ: THE CONSTRUCTION OF THE ETHOS OF *CARTA CAPITAL* MAGAZINE

Flávio Passos Santana⁵²

Universidade Federal de Sergipe

Edgar Andrade Costa⁵³

Universidade Federal de Sergipe

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar o ethos da revista *Carta Capital* por meio de fotos e enunciados que fazem parte da composição de uma reportagem e como a escolha desses elementos podem influenciar na construção argumentativa e na imagem discursiva evidenciada. Para tanto, utilizamos a edição 892 da revista *Carta Capital*, que aborda o acontecimento sobre o pedido de prisão de Lula no caso do apartamento Triplex. Para tanto, utilizamos os estudos da Retórica e Argumentação nos embasando em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Aristóteles (2011 [384-322 a. C]), Reboul (2004), Haddad (2005), Maingueneau (2005) e Mariano (2016). Metodologicamente, este trabalho tem como escopo a pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, para isso, analisamos as imagens e a sua composição, bem como os enunciados que a compunham. Para tal fim, pudemos constatar a importância que as imagens possuem no processo da construção argumentativa, visto que o orador pode manipular ou reforçar aquilo que é dito no discurso, ocasionando uma comunhão com o auditório acerca do assunto defendido e contribuindo para identificarmos como os ethos são construídos.

Palavras-chave: Ethos. Imagens. Revista. Carta Capital. Lula.

Abstract

The present work aims to analyze the ethos of *Carta Capital* magazine through photos and statements that are part of the composition of a report and how the choice of these elements can influence the argumentative construction and the discursive image evidenced. To do so, we used issue 892 of *Carta Capital* magazine, which addresses the event about Lula's arrest in the case of the Triplex apartment. For that, we use the studies of Rhetoric and Argumentation based on Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), Aristóteles (2011 [384-322 a. C]), Reboul (2004), Haddad (2005), Maingueneau (2005) and Mariano (2016). Methodologically, this work is scoped to bibliographical research with a qualitative

⁵² flavio_cdb@hotmail.com

⁵³ edgar.costalettras@gmail.com



Nº9 (2023)

approach, for this, we analyze the images and their composition, as well as the statements that compose it. To this end, we were able to verify the importance that images have in the process of argumentative construction, since the speaker can manipulate or reinforce what is said in the speech, causing a communion with the audience about the defended subject and contributing to identify how the ethos are built.

Keywords: Ethos. Images. Magazine. Carta Capital. Lula.

Introdução

Esta pesquisa é um recorte de nosso trabalho de conclusão de curso, o qual discorreremos, a partir da denúncia de lavagem de dinheiro e falsidade ideológica envolvendo o nome do presidente Luís Inácio Lula da Silva⁵⁴, no caso do apartamento Triplex do Guarujá, no litoral paulista e o pedido de prisão realizado pelo Ministério Público paulista, reportados pela revista *Carta Capital*. Para tanto, investigamos imagens publicadas descrevendo os detalhes de pessoas envolvidas, os discursos dos oradores e a consequente formação do ethos da revista.

É notório ressaltar o papel exercido pelo “ativismo judicial” que essa Operação Lava Jato desencadeou nos últimos acontecimentos políticos do Brasil, desde o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff à eleição de Jair Bolsonaro como presidente da República, legitimado pelo discurso anticorrupção e antipolítico que aflorou na sociedade brasileira.

Um relevante aspecto que contextualiza a Operação Lava Jato com os últimos episódios da política nacional foi o fato de o ex-juiz Sérgio Moro, responsável pela determinação da prisão de Lula (fato que culminou em seu afastamento na corrida eleitoral de 2018), pedir exoneração do cargo de juiz federal para integrar o governo Bolsonaro como Ministro da Justiça no final de 2018⁵⁵. Além disso, segundo Jesus (2017), mesmo antes do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, o referido juiz derrubou o sigilo de ligações entre a presidenta e Lula e divulgou um áudio de ligação entre os petistas, apontando aí o início de uma perseguição política.

Utilizando como fundamentação teórica a Retórica e a Argumentação, analisamos a construção da reportagem e procuramos evidências nas imagens apresentadas na capa, como também nas demais imagens no interior da reportagem da capa trazida pelos autores; bem como os elementos linguísticos que destacamos como “chaves” para a construção de um texto permeado de significação.

⁵⁴ O trabalho foi apresentado em 2019, quando o atual presidente da República do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, era ex-presidente.

⁵⁵ Sérgio Moro esteve como Ministro da Justiça por apenas 16 meses, após romper com o ex-presidente Bolsonaro.



Nosso trabalho, então, visa mostrar como os discursos no meio jornalístico não são isentos de imparcialidade, por mais que os oradores tragam informações legítimas, a escolha de como essas informações são trazidas evidenciam traços ideológicos, políticos e com uma intencionalidade aparente, o que os ajuda a serem rotulados como estereótipos que eles próprios se consideram (politicamente engajados no campo progressista), e se referem a fazer jornalismo com credibilidade, com veracidade das informações mostrando uma verdade factual. Quebra, com isso, paradigmas de alguns campos que ainda insistem em afirmar a imparcialidade da imprensa para aguçar o senso crítico e/ou sentimento de desconfiança do público ao ler e/ou escutar determinada informação, procurando enxergar possíveis falhas, “vácuos” no discurso daqueles que poderiam dizer algo de uma outra forma, mas escolheram dizer de determinada maneira para conseguir persuadir por meio de seus argumentos.

Diante desse percurso, os oradores se utilizaram do poder das fotos apresentadas para explicar seus discursos e acabaram, com isso, construindo imagens discursivas, que na retórica chamamos de *ethos*. Ao realizar essa busca investigativa, apresentamos a estrutura do discurso retórico em texto jornalístico e a partir deste foi possível verificar como o *ethos* dos oradores são construídos, identificando, também, o *ethos* criado do ex-presidente em detalhes que o *corpus* traz, além do conhecimento até então da imagem e a história que este homem público construiu no decorrer de sua trajetória política e militante, oriunda dos movimentos operários e um defensor dos Direitos Humanos. Outro *ethos* que mencionaremos será de Marco Aurélio Mello (Ministro na época), pela relevância que a reportagem suscita, apresentando nele a figura do *ethos* dissidente, associando à ideia defendida por Haddad (2005).

O nosso trabalho toma como base a pesquisa bibliográfica, exploratória e qualitativa, visto que fizemos as leituras sobre a teoria por nós abordada, explorando os conceitos oriundos dela em nosso *corpus* de análise. Primeiramente realizando fichamentos, depois resenhas, buscando atrelar ao que propomos desenvolver na análise, através do *corpus* também delimitado.

Sobre o *corpus*, conseguimos adquiri-lo por meio da assinatura digital da revista *Carta Capital*. Com o acesso liberado, baixamos no aparelho móvel diversas reportagens sobre imagens do tema que propomos discutir. Definimos que a análise seria delimitada a uma capa da revista e sua reportagem principal por conta do tempo limitado que tínhamos para a construção do trabalho. A escolha da edição se deu por, na época, ser um assunto que estava sendo veiculado com bastante afinco nas redes sociais e, também, nos jornais mais importantes do país.

Após a construção das resenhas, que foram devidamente revisadas e melhoradas para que houvesse maior síntese possível dos principais conceitos trazidos pela Retórica e Argumentação, partimos, então, para a análise propriamente dita, e por meio de várias leituras e releituras, pudemos encontrar significações plausíveis e coerentes no *corpus* e associá-los ao que propusemos em nossos objetivos. Descrevemos como a Retórica está entranhada em nossos discursos em simples conversas, em imagens que são publicadas, pois sempre existe um propósito nos discursos proferidos. Por mais



que se use figuras de linguagem para “maquiar” ou “enfeitar” determinados enunciados, podemos analisá-las e evidenciar imagens discursivas construídas por meio das escolhas linguísticas apresentadas.

Para tanto, analisamos as imagens contidas no *corpus*, buscando explorar não somente as imagens das figuras públicas que foram registradas e trazidas pela revista, mas sempre buscando destacar formas, cores, situações que foram observadas nas fotografias, sempre associando ao contexto, para discorrer sobre as suas significações no campo prático. Num segundo momento, evidenciamos elementos linguísticos (enunciados vinculados às imagens) que tornaram o texto permeado de informações significativas, que ajudaram a construir e chegar aos objetivos propostos na análise.

Nesse sentido, então, este trabalho está dividido em duas partes: a primeira traz os conceitos relacionados à teoria utilizada no campo da pesquisa, Retórica e Argumentação, citamos os trabalhos dos teóricos estudados e que estão nas referências bibliográficas; a segunda parte contém a análise das figuras extraídas do *corpus* delimitado (a capa da revista e os seus enunciados atrelados) que dão significância e corroboram para se chegar às considerações acerca da proposição.

1 Entendendo os conceitos da retórica e da argumentação

Por meio dos estudos de Retórica e Argumentação, pudemos refletir acerca da importância do discurso em nossas vidas e como argumentamos nas mais variadas situações, sempre buscando ser compreendidos. Por isso, achamos pertinente quando Ferreira (2017) fala que “somos seres retóricos por termos crenças e opiniões a respeito de qualquer situação formada que nos suscita valores e paixões”, e que através da palavra revelamos nossas impressões do mundo. Construimos sentidos no texto para depois serem interpretados, tanto no nosso discurso quanto no do outro. Esse entrelaçamento é definido com base nos estudos de Aristóteles (2011 [384-322 a. C]) que dialoga sobre as finalidades do discurso retórico fundido em três termos, (o *docere*, que é ensinar; o *movere*, que é atingir os sentimentos; e o *delectare*, que é agradar, mantendo o auditório atento)

Ainda a respeito dos conceitos da Retórica, temos, segundo Aristóteles (2011 [384-322 a. C]), o *ethos* como o caráter, a virtude e a credibilidade do orador, termo que sofreu algumas modificações durante o passar do tempo e, hoje, podemos entendê-lo como a imagem que é construída discursivamente; o *auditório*, simbolizado pelo *pathos*, sendo necessário comovê-lo, seduzi-lo, convencê-lo através das crenças e paixões; e o *discurso*, que é o *logos* (a palavra, a razão). Esta triangulação tem que ser bem articulada tanto pelo orador quanto pelo auditório, pois, segundo Ferreira (2017), é impossível uma argumentação sem a interação do auditório para com o orador e o juízo de valor que este tem para com aquele. Ainda a respeito da natureza do auditório, Reboul (2004) fala que,



cotidianamente, argumentamos perante o outro e esse outro pode vir a ser tanto apenas uma única pessoa como um indivíduo, um grupo ou até mesmo uma multidão.

Maingueneau (2005), por sua vez, faz uma distinção do *ethos* em relação ao conceito aristotélico no que diz respeito a seu prolongamento, ele afirma que o *ethos* se mostra, ele não é dito. Além disso, este mesmo autor difere o *ethos* discursivo do *ethos* pré-discursivo ou *ethos* prévio – este chamado assim por Amossy (2005) e Haddad (2005). Como princípio explicativo, Maingueneau (2005) chama o destinatário de co-enunciador – pois este participa de maneira interativa da construção do diálogo – pois, por mais que este não saiba nada sobre o caráter do enunciador, é através do gênero do discurso de determinado texto ou a um certo posicionamento ideológico que induz expectativas em matéria de *ethos*. E isto pode ser compreendido em se tratando de um auditório / público / assinante da revista *Carta Capital*, com posicionamentos de informações que, por mais que estejam no campo da verdade factual, tem elementos ditos que, de certa forma, agregam valores em comum entre os envolvidos (orador e auditório / enunciador e co-enunciador).

Ainda em se tratando de auditório, diante do exórdio – como configuração introdutória de algo que está no interior da revista – Mariano (2016) comenta sobre a importância de se conquistar o auditório desde a formatação da capa, caracterizando uma atividade retórica. A autora explicita também sobre a composição do gênero capa de revista e revela que na linguagem não-verbal, a escolha da fonte, o tamanho da fonte, definem os assuntos principais a serem discorridos no interior da revista apresentados na capa de forma utilitária e de certa forma lógica, com critérios. E esses critérios são observados tanto na capa de revista quanto no interior dela, em sua reportagem principal, onde discorreremos sobre esses e outros fatos e elementos constitutivos do gênero aqui mencionado.

Dessa maneira, Ferreira (2017) fala sobre a importância de o orador, além de saber se expressar, deve saber a quem vai se expressar, visto que, segundo Reboul (2004), a função hermenêutica é a arte de interpretar textos, mudando, dessa maneira, o ensino da retórica de a arte de produzir discursos para a arte de interpretá-los. Neste sentido, o(s) orador(es) produzem seus textos, constroem seus enunciados sabendo como e onde serão recebidos; e esta receptividade será decisiva para que haja aceitação, persuasão.

Ainda de acordo com Ferreira (2017), a respeito dos membros de um auditório, o orador atribui funções, como a de atuar como juízes: analisar uma causa passada e refletir sobre a condenação ou não; a de atuar como assembleia (analisam uma causa que aponta para o futuro); e atuar como espectadores, nesse caso, são temas do presente discorridos e a tomada de decisão pode ser influenciada por este discurso. Geralmente esses discursos são para agradar ao público. Em se tratando do público assinante da revista *Carta Capital*, composto por um auditório erudito, em sua maioria, haja vista os dados que o próprio site⁵⁶ da revista traz quanto a estudo sociocultural e econômico de

⁵⁶ www.editoraconfianca.com.br/formatos_html/assets/midia-kit-cartacapital---2016.pdf



seus assinantes: 82% dos assinantes possuem curso superior completo e 63% com pós-graduação completo ou cursando mestrado ou doutorado; além disso, grandes números deles consideram-se intelectualizados e culturalmente ativos.

Ainda de acordo com a Retórica, Aristóteles (2011, p. 122-123) afirmou que “as paixões (emoções) são as causas das mudanças de nossos julgamentos e são acompanhadas de dor ou prazer”. Diante disso, Mariano (2016) enfatiza o pré-julgamento de um livro ou revista por sua capa; coloca o orador como responsável em conhecer seu auditório para que através disso possa persuadi-lo.

Chegamos, enfim, ao terceiro elemento constitutivo da persuasão, que é o *logos*, o discurso. Sobre este, Ferreira (2017) argumenta que nunca ninguém cria um discurso “puro”, ele sempre é embasado em outros discursos preexistentes, e a partir de um novo discurso, este passa a ser referência para a construção de novos discursos. Nesse sentido, podemos falar o mesmo sobre a construção de determinado texto, pois sempre há embasamento em textos preexistentes. E são essas referências que balizam os pontos de vista e nos inspiram a construir e proferir discursos com a carga emocional adequada para a situação, a depender do auditório que desejemos atingir, interagir. Mariano (2016) fala sobre esse terceiro elemento constitutivo, o *logos*, argumentando que na construção teórica são os temas e as imagens não verbais escolhidos para a construção do discurso. As imagens das fotos tanto da capa da revista quanto as imagens contidas no interior da revista, da reportagem de capa, são criteriosamente escolhidas pelo(s) editor(es), estrategicamente, para chamar atenção e introduzir, dessa maneira, sobre o que vai se argumentar.

Além disso, Ferreira (2017) faz uma breve explicação acerca da origem da palavra *logos*, que até o século VI a. C. significava palavra escrita ou falada, o verbo. A partir dos estudos de Heráclito de Éfeso, passou a ter o conceito de razão. Em sentido amplo, todo discurso se constrói em torno de um tema que é problematizado e gera questões. O *logos*, dentre as provas, se encarrega do discurso persuasivo, pois por meio dele demonstramos o que parece ser verdade de acordo com o que se conhece de cada assunto. As provas lógicas (centradas no *logos*) utilizam raciocínios como meio de persuadir.

Apesar de reconhecermos a importância dos três gêneros discursivos apresentados, e sabermos que eles se entrelaçam de maneira interdependentes, o foco principal da pesquisa será o *ethos*, mas não podíamos deixar de mencionar os demais; trata-se apenas de uma questão de delimitação do foco a ser analisado.

Ainda sobre o *ethos*, é válido mencionar Haddad (2005), quando este argumenta que o orador, ao pronunciar seu discurso, deve construir uma imagem de si que seja análoga a seu objetivo argumentativo, levando em consideração a ideia que o auditório projeta nele. O *ethos* prévio condiciona a construção do *ethos* discursivo e demanda a reelaboração dos estereótipos desfavoráveis



que podem diminuir a eficácia dos argumentos. Na próxima seção, apresentaremos como os *ethos* foram apresentados em nosso *corpus*.

2 Análise das imagens da revista e a sua significação diante dos fatos

Inicialmente, achamos pertinente analisar a origem do nome da revista que corresponde ao *corpus* escolhido. A etimologia das palavras “carta”⁵⁷ e “capital”⁵⁸, nos remete, respectivamente, ao latim “charta” e “capitalis”, que significa “folha para escrita, tablete” e “relativo à cabeça”. Na junção delas podemos inferir um primeiro significado como sendo um periódico, algo escrito, que esteja relacionado a um público pensante, que tem o aspecto do senso crítico, do raciocínio, do racional, evidenciado. Ainda sobre “capital” existem outras denotações possíveis, como por exemplo, “principal, o que manda”, algo que está acima dos outros, que domina. Outras inferências podem ser atribuídas, como por exemplo, capital de uma cidade, ou de um país, ou seja, a maior, a principal. No sentido econômico, podemos entender também aquilo que é acumulável em termos de riqueza financeira, sendo este sentido colocado à parte por não se evidenciar aos objetivos da revista, apesar de ter um custo para sua obtenção por parte dos sócios ou compradores avulsos da referida, e que gera uma rentabilidade para custeios de produção e tudo o que mais fomenta sua circulação. O aspecto de reconhecer um nome como marca registrada tem sua importância, pois o nome é o primeiro fator condicionante que torna a empresa conhecida no cenário nacional, como empresa midiática do mercado editorial.

Mas vamos ficar com o primeiro significado mencionado e plausível, verossímil em se tratando de sentido pelo qual a revista fora criada há mais de duas décadas, por jornalistas conhecidos no cenário nacional (Mino Carta, Bob Fernandes, Nelson Letaif e Wagner Carelli), sendo que o primeiro citado ainda faz parte do corpo de funcionários que compõe a *Carta Capital*. Este fato pode ser evidenciado no site⁵⁹ da revista, que traz dados do perfil sócio cultural econômico dos seus assinantes. Na edição de 13 de fevereiro de 2008, BDO Trevisan, responsável pela auditoria de tiragem da revista, indicou o número de 71.100 exemplares, e, no mesmo ano, a edição de número 500 teve uma tiragem de 85 mil exemplares. No site da Editora Confiança, a versão impressa de período semanal informa uma tiragem de 56 mil exemplares e mais de 400 mil downloads de edições desde o lançamento do aplicativo em 2011. Em se tratando de um país com mais de 200.000.000 de habitantes, é um número relativamente representativo., principalmente quando analisamos o público assinante desta revista. Identificamos ainda, no site da Editora Confiança, um público que, por predominância,

⁵⁷ www.dicio.com.br/carta/

⁵⁸ www.dicio.com.br/capital/

⁵⁹ www.editoraconfianca.com.br/formatos_html/assets/midia-kit-cartacapital---2016.pdf



Nº9 (2023)

o perfil demográfico de 88% pertencentes às classes “A” e “B”, sendo que 64% possui renda familiar acima de R\$: 7.650,00. A editora divulga também índices de qualificação da formação educacional de seu público, 82% possui curso superior completo e 63% com pós-graduação completo ou cursando mestrado ou doutorado; além disso, grandes números deles consideram-se intelectualizados e culturalmente ativos. São números representativos, mas também não podemos ignorar o percentual restante composto de mais de um terço pertencente às classes econômicas de renda mais baixa e os 18% que não possuem graduação, pois apesar de minoritário, são porventura pessoas que buscam informações nesta mídia que podemos chamar de “alternativa” em relação às mídias que comandam os principais veículos de comunicação de nosso país; compõem, neste sentido, um auditório heterogêneo, como discorreremos no decorrer desta pesquisa.

É válido ressaltar que a Revista Carta Capital se posiciona sob os preceitos da ideologia de esquerda, que vai de encontro com posições ocupadas pelas revistas concorrentes, a exemplo de: Veja, Isto é, Época. Estas se afirmam liberais sob o ponto de vista econômico e se enquadram em uma linha mais conservadora em relação aos costumes da sociedade brasileira. Contextualizando com o momento discutido neste trabalho, durante as investigações da Lava Jato, a própria revista Carta Capital se manifestou criticando as revistas e os jornais mais conservadores, pois estes criaram narrativas tendenciosas a favor do *impeachment* de Dilma, bem como a prisão de Lula.

Utilizando como ponte esse posicionamento da revista e o seu público, vale mencionar que o Tratado da Argumentação, escrito pelos teóricos Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), traz pontos explicativos como o conceito de auditório, definido como o conjunto daqueles que o orador deseja influenciar; e para cada auditório existe um orador que pensa mais ou menos consciente e profere discurso persuasivo. Esses teóricos reconhecem um número quase infinito de auditórios, e acrescenta a dificuldade do orador, principalmente quando este é autor de livros, conseguir atingir determinado leitor pelo motivo de cada auditório ser heterogêneo.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) abordam uma questão a respeito dos termos convencer e persuadir: convencer vai além da persuasão para aqueles que se preocupam apenas com a razão; daí surge outra discussão: é possível separar razão de emoção? Diante da complexidade, os autores dizem que é possível e associam a argumentação persuasiva ao auditório particular e o convencimento ao auditório universal.

Sobre o *corpus* escolhido para a análise do tema, trata-se da edição número 892 da revista *Carta Capital*, de 10 de março de 2016, que traz em sua capa a foto do ex-presidente Lula com um certo ar de preocupação. Sendo assim, faz-se necessário situar o contexto histórico deste momento para que as análises possam ser compreendidas com maior clareza.

Diante disso, remetemos ao que Aristóteles (2011) fala sobre a eficácia no discurso do orador que está diretamente ligada a, em seu ato retórico, mostrar claramente ao auditório conhecimento, competência e certeza do que pretende defender, e, para isso, terá que valer-se de artifícios persuasivos



N°9 (2023)

do discurso, encontrando ou criando provas, trazendo dados comprobatórios, plausíveis, que levam o auditório ao convencimento. Vale lembrar que o contexto histórico também é relevante, visto que é entendido como o conjunto de fatores temporais, históricos, culturais e sociais que exercem influência no ato da produção e recepção dos discursos. Além disso, Ferreira (2017) menciona o cuidado que o orador deve ter ao proferir o discurso, devido ao entrecruzamento de movimentos racionais e passionais.

No contexto da situação em questão, o caráter do orador, a imagem dos interlocutores envolvidos na situação, os valores éticos e morais, os termos da lei vigente influenciam para obter adesão, consenso. E, como analistas do discurso, pesquisadores, observadores, temos também nossas crenças, nossas formações sócio-históricas interacionais bem como ideológicas que não nos torna totalmente neutros, muito menos imunes aos posicionamentos e inferências. O que tratamos é analisar da maneira menos subjetiva possível, buscando na teoria escolhida embasamento para nossas análises.

Os autores da reportagem, aqui configurados como os oradores em questão, discorrem sobre a crise que se instaurou no governo do PT (Partido dos Trabalhadores). O Brasil, desde as eleições presidenciais de 2014, vivia um clima de desentendimento entre o poder executivo, da presidenta na época (2016), Dilma Rousseff, e o Congresso Nacional, este tinha como presidentes da Câmara e do Senado, Eduardo Cunha e Renan Calheiros, respectivamente, ambos do antigo PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) - hoje a sigla suprime o “P” - aliados até então do governo do PT, que ainda tinha como vice-presidente o também peemedebista Michel Temer.

A operação “lava-jato”, comandada de Curitiba-PR, na época, pelo então ex-juiz Sérgio Moro, estava a todo o vapor, inclusive sentenciando a dezenove anos de prisão um dos empresários mais influentes do meio empresarial, o Marcelo Odebrecht, presidente da maior empreiteira do Brasil, que não fez acordo de delação premiada com o Juiz da Vara Criminal do Paraná, assim como traz no conteúdo da reportagem em questão, escrita pelos jornalistas André Barrocal e Rodrigo Martins.

É o Ministério Público paulista que protagoniza a primeira cena de manifestação favorável à prisão do ex-presidente (na época) Lula por lavagem de dinheiro e falsidade ideológica, quando os Procuradores Cássio Conserino, Fernando Henrique de Moraes e José Carlos Blat – conhecidos como integrantes do “Estado Islâmico da Procuradoria”, termo este utilizado pelos autores da reportagem, segundo os mesmos autores, apelidados desta maneira por suas ações junto a processos por eles apreciados – formalizam o pedido na 4ª Vara Criminal de São Paulo, sendo este pedido apreciado pela Magistrada Maria Priscila Veiga Oliveira (esta conhecida por posições duras e positivistas, ainda segundo a autoria da reportagem). Vale destacar que tudo aconteceu há três dias das manifestações a favor do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, e na semana seguinte à condução coercitiva de Lula, a pedido do ex-juiz Sérgio Moro. Esta síntese serve para situar todo o imbróglio que cercava o país e provocou toda mobilização em torno dos fatos suscitados.



Nº9 (2023)

130

EDIÇÃO ESPECIAL DA CRISE



Fonte: *Carta Capital* (2016)

A respeito da capa da revista em análise, esta traz na parte superior, logo acima do nome da revista, o enunciado EDIÇÃO ESPECIAL DA CRISE, escrito em caixa alta e com destaque da cor azul. Esse tipo de enunciado não é encontrado em todas as edições da revista, é mais uma das exceções. Logo abaixo, há o nome da revista “Carta”, escrito em vermelho e “Capital”, escrito na cor branco. Neste caso, há uma variação nas cores das edições, mas sempre mantendo estas duas (vermelho e branco) variando com preta. Isto ocorre de acordo com o pano de fundo que cada imagem de capa traz, pudemos constatar esta informação pelo fato de verificar outras publicações da revista. Mariano (2016) explicita a composição do gênero capa de revista e revela que na linguagem verbal, a escolha da fonte, tamanho da fonte, definem os assuntos principais a serem discorridos no interior da revista, apresentado na capa de forma utilitária e de certa forma lógica, com critérios.

O site da revista e o nome da editora aparecem logo abaixo, em fontes bem menores, discretas, que podem passar despercebidos em uma primeira observação. Seguindo a descrição da capa, utilizando o critério vertical, chegamos ao título que a capa traz com o seguinte enunciado: “Lula e o complô” com cor da fonte que também chama a atenção pelo colorido, bem como pelo tamanho da fonte, e, na sequência, “Ameaçado de prisão sem provas, o ex-presidente reage ao cerco”. Este complemento também se destaca por vir escrito em caixa alta e logo abaixo do enunciado anterior. O contraste do branco com o amarelo pode ser uma estratégia estilística utilizada para provocar um ar de complementaridade nos sentidos que é abrangido. Diante do que está sendo dito, o orador, autor do enunciado provoca o seu auditório, o leitor da Carta, a investigar e desperta a curiosidade para decodificar o porquê do termo “sem provas”, e somente ao ler a reportagem o leitor mais atento verificará que os autores da reportagem da capa interpretaram a própria fala de um dos promotores que pediram a prisão de Lula ao dizer a dificuldade em conseguir provar o crime de lavagem de dinheiro.



Nº9 (2023)

Na parte logo abaixo, o editor menciona os autores que escreveram a edição enunciativa da capa, destacando, em contraste, novamente a cor amarela e os nomes dos autores escritos em branco. No canto esquerdo da capa, na parte um pouco mais superior, logo abaixo do site da revista, encontra-se o código de barras que traz informações referentes ao ano da revista, seu número de publicação, data e preço. Vale mencionar, também, a imagem de Lula em preto e branco ao fundo, este com a aparência de preocupado, com o rosto ligeiramente franzido, sugerindo ao auditório uma preocupação em relação aos acontecimentos em questão.

Figura 2 – Dilma Rousseff, Lula e Calheiros



Fonte: *Carta Capital* (2016)

A próxima imagem (Figura 2) do *corpus* está localizada no interior da revista, exatamente na página 15, na segunda página após o início da reportagem de capa. Nela, ilustra-se três fotos distintas, tiradas em momentos bem diferentes e formatadas para que aparecessem estrategicamente conforme os personagens fossem sendo citados pelos oradores da reportagem. Mariano (2016) comenta sobre as estratégias argumentativas que o orador precisa trazer para persuadir o auditório, seja com fatos plausíveis de veracidade, seja uma fotografia impactante, e mesmo assim o conflito de subjetividades pode surgir, a emoção pode definir esses conflitos, chegando a um acordo com o universo da doxa (lugares comuns).

A figura 2 apresenta, em primeiro plano, a foto de Dilma Rousseff caminhando na chuva, protegida por um guarda-chuva, sozinha, cabisbaixa, com uma roupa preta e um blazer vermelho, e com um semblante indicando sinal de tristeza, preocupação, diante dos fatos narrados que envolveram também atos de sua administração. Em uma foto um pouco menor à direita, está o Procurador Conserino, vestido de terno escuro e gravata clara, segurando uma pasta típica de seus atributos profissionais, próximo a um automóvel e olhando para o fotógrafo. O procurador traz uma expressão de seriedade misturada com um certo ar de surpresa. O terceiro personagem de destaque em outra



Nº9 (2023)

fotografia (abaixo da foto de Conserino) é o Senador, na época, Presidente do Senado Federal, Renan Calheiros. Ele aparece ao lado de Lula, ambos segurando juntos um exemplar da Constituição Federal. Calheiros aparece com um sorriso no rosto, de terno e gravata. Luiz Inácio está também de terno, sem gravata, em traje menos formal, e com semblante de seriedade. Ambos pousam para foto, mas seus olhares não são direcionados para o fotógrafo que fez essa imagem para a *Carta Capital*.

Dois enunciados trazem comentários de alta relevância para o entendimento desta montagem feita pelos oradores: a primeira, no canto superior direito da capa, tem três frases: a primeira falando que o promotor agiu com o fígado, uma elementar metáfora de tom crítico para com a atitude do integrante do Ministério Público paulista; a segunda frase descreve bem o sentimento de Dilma, depois de uma enxurrada de críticas. O fato de a fotografia ter sido escolhida em um momento de chuva, temporal, vendaval representa o momento pelo qual o governo do PT, e o Lula passavam, sendo que o título da reportagem do miolo da revista fala em “vendaval”; então, estes elementos podem ter sido estrategicamente escolhidos pelos oradores como forma de persuasão. Quando o orador fala em Dilma ceder o poder, está se referindo a acatar o que se ventilou a respeito de Lula assumir um Ministério com dois objetivos supostamente levantados: o primeiro, assumir o comando da administração pública; o segundo, ficaria impossibilitado de ser investigado pelo juiz Sérgio Moro na primeira instância da operação lava-jato, pelo fato de passar a ter foro privilegiado.

No interior da reportagem, fala-se que Lula estaria também resistente a aceitar este cargo por receio de o eleitorado pensar que seria uma confissão de culpa. Tornar-se Ministro o tornaria imune a tais denúncias, pelo menos na esfera da justiça comum. Aqui, há uma clara preocupação do ex-presidente Lula em manter seu ethos construído ao longo de uma trajetória oriunda dos movimentos sociais, ainda quando metalúrgico, homem perseguido e preso durante a Ditadura Militar; além de sua história à frente do Executivo Nacional durante oito anos, destacando-se pelas suas atitudes na construção de um país com menos desigualdade social.

Haddad (2005) fala sobre o ethos que o orador consegue reconstruir ao conseguir ser ouvido diante de uma situação de extremo conflito. Neste caso, podemos dizer que por meio do orador da revista *Carta Capital*, a voz de Lula é ouvida de maneira indireta por conta da sua posição em relação aos fatos elencados. Porém, naquele momento, havia um risco de seu ethos ser reconstruído de maneira negativa se a opinião pública, seus eleitores, forem persuadidos em acreditar que a sua nomeação como Ministro seria para se livrar das “garras do juiz de Curitiba e da prisão”. Entretanto, o orador, traz fala de um ministro, sem revelar seu nome, e através de elementos que suavizam tal enunciação, contorna essa possibilidade dando outra possibilidade justificatória para a nomeação de Lula, “a de líder capaz de serenar os ânimos e encontrar uma saída para a crise”.

Finalmente, a terceira frase do primeiro enunciado da figura 2 diz respeito ao fato de Renan Calheiros ter conversado com as duas forças políticas antagônicas naquele momento: “Calheiros toma

café com Lula, mas janta com o PSDB⁶⁰”. A conjunção adversativa, “mas”, já dá a ideia de contraste entre os sintagmas; tornando-se, Renan, um aliado que não inspira tanta confiança, segundo sugere o termo linguístico, porque se o presidente do Senado fosse uma “ponte” para tentar as tratativas entre representante do governo e de oposição, os oradores usariam outro termo para enunciar esses encontros, como por exemplo, a conjunção aditiva, “e”, atrelado à imagem. O fato de Lula, ao lado de Renan, estar com semblante sério e a do Senador com um sorriso estampado no rosto, sugere ao auditório o clima de preocupação daquele e de uma tranquilidade por parte deste.

O segundo enunciado da figura 2 argumenta sobre uma atitude que era condenada pelos próprios opositores de Lula, o PSDB e o DEM⁶¹, em uma evidente crítica ao poder do Ministério Público paulista, que de maneira inconsistente pede a prisão do ex-presidente Lula.

Figura 3 – Eduardo Cunha, Tarso Jereissati e Eunício oliveira



Fonte: *Carta Capital* (2016).

Mais três personalidades do campo político são apresentadas e têm suas imagens agregadas à reportagem da capa. Exatamente na página 16, Eduardo Cunha, do MDB, em uma foto que o destaca, e outra foto bem ao lado aparecem os políticos Tarso Jereissati (PSDB) e Eunício Oliveira (MDB). O primeiro citado está com um ar de seriedade, apreensão; já os outros dois são flagrados em uma imagem bem à vontade, um deles, inclusive, com um largo sorriso no rosto. Vale destacar que este flagrante reflete seus momentos naquele período, Eduardo Cunha, então presidente da Câmara dos Deputados, fazia parte do bloco governista, embora sofresse pressões de uma ala dissidente de seu partido para iniciar um processo contra a então presidenta Dilma Rousseff.

É válido ressaltar que estes personagens foram citados por serem lideranças que, na conjuntura do momento, teriam participação decisiva para o desfecho político: Cunha por presidir a maior Casa Legislativa do poder político; Jereissati e Oliveira, por fazerem parte de um bloco que articulava na Casa Legislativa os próximos passos a seguir; e por serem lideranças, têm poder de convencer correligionários a votar favoravelmente ou não nos principais temas discutidos na casa. Os oradores, então, detalham toda esta conjuntura complexa - justificando o enunciado “edição especial da crise”, escrito na capa e já comentado – para que seu auditório compreenda da maneira mais inteligível

⁶⁰ Partido da Social Democracia Brasileira

⁶¹ Democratas

possível todo o desenrolar dos fatos. Aqui podemos trazer o que Maingueneau (2005) fala sobre o ethos escritural, em se tratando dos oradores da revista *Carta Capital*, pois, para esse autor, o leitor tem um certo grau maior de dificuldade, exige-se do leitor um trabalho de imaginação através de indícios do texto, se comparado ao texto oral – que se opõe ao primeiro, impõe a fala imediata encarnada do locutor.

Figura 4 – Aécio Neves em destaque



Fonte: *Carta Capital* (2016)

Dando continuidade ao que ilustra a reportagem da capa, dessa vez na página seguinte, os oradores apresentam as imagens de mais duas pessoas de destaque na conjuntura histórica pela qual nosso país passava, Aécio Neves, Senador derrotado para o cargo de presidente em 2014, aparece em uma foto com um olhar distante, à frente de outras quatro pessoas que não são mencionadas, à princípio, na reportagem. Esta imagem tem a autoria revelada dos profissionais de fotografia que são autorizados em fazer as imagens nas casas legislativas do Brasil, STF, ABN, e Estadão Conteúdo. Por isso, achamos pertinente trazer Mariano (2016), quando esta fala da importância desses profissionais envolvidos na elaboração e formatação das imagens, além dos demais profissionais que colaboram, trabalham na confecção de capa, além dos jornalistas e diagramadores.

Voltando para a imagem citada, existe um enunciado afirmando que Aécio Neves é descartado em uma possível aliança do MDB-PSDB, em que os oradores mostram os percalços dos envolvidos nessa trama muito bem arquitetada, em que o Aécio é posto de lado pela cúpula de seu partido pelo fato de mais uma vez ter seu nome ventilado em denúncias de corrupção, desta vez em delação feita pelo Senador que fora preso, Delcídio do Amaral, do PT.

Como é perceptível, há também um enunciado logo abaixo da imagem de Aécio Neves escrita em caixa alta, e destacando-se também pelo tamanho da fonte e das cores contrastantes. Os oradores chamam a atenção de seu auditório para as circunstâncias de tempo e espaço que fora feita a denúncia do Ministério Público paulista. Levanta, com isso, a hipótese de interferência de um poder sobre outro.

Trata-se da temática central, do ponto crucial identificado como chave de todo o imbróglgio que girou em torno daquele momento.

A outra personalidade incluída no interior da reportagem é do Ministro do Supremo Tribunal Federal (na época), Marco Aurélio Mello (Figura 5), que, segundo os oradores, foi o único Ministro do Supremo a se manifestar diante dos últimos fatos ocorridos e dos que se sucederiam dias após o pedido de prisão de Lula. Marco Aurélio foi totalmente contrário à condução coercitiva de Lula, ocorrida na semana anterior, no dia 04 de março de 2016, a mando do juiz de Curitiba, Sérgio Moro. Os oradores, com isso, provocam o auditório a refletir sobre o silenciamento que houve por parte dos demais Ministros do Supremo.

Figura 5 – Ministro Marco Aurélio Mello



Fonte: *Carta capital* (2016).

O enunciado que traz junto à imagem de Marco Aurélio provoca de alguma forma o raciocínio do auditório que faz uma leitura mais atenta; o não dito aparece aí de forma contundente, pois se este Ministro leva a sério sua função, fica subentendido que os demais não levam pelo fato de silenciarem diante desses últimos acontecimentos graves e decisivos em nossa história. Podemos, então, por meio desse exemplo, elencar uma inferência de Haddad (2005) ao destacar um orador que critica seus pares, elevando-se, eximindo-se de responsabilidades, usando argumentos que são compatíveis com a realidade exposta em questão, construindo, com isso, uma imagem de si em oposição àqueles de seu grupo. Constrói a partir daí um ethos dissidente, e no campo intelectual, opõe-se à doxa do campo político do momento. É notório a valorização que os oradores fazem em relação ao ethos do Ministro, elencando suas virtudes e prudência em se manifestar diante de tal acontecimento.

Dando continuidade à análise, na página 18 aparece uma única imagem (Figura 6), a do presidente da maior empreiteira do Brasil, Marcelo Odebrecht, que fora condenado por Sérgio Moro a 19 anos de prisão. O enunciado destaca que o condenado poderia optar pela delação, o que poderia ser favorável a uma redução de pena que poderia levá-lo a penas mais brandas. A foto mostra um homem



Nº9 (2023)

136

de perfil com a expressão de surpresa e desesperado, como se fosse surpreendido por algo, emitindo um sorriso sem graça, em um ambiente que sugere talvez uma sala de audiência. O espaço sugere, ainda, um contraste que em volta dele é escuro e somente no contorno de seu tronco e cabeça um pouco mais claro, como se a edição da imagem o colocasse confinado em local restrito, uma prisão.

Figura 6 (Marcelo Odebrechet)



Fonte: *Carta Capital* (2016)

A última imagem trazida pela reportagem referente à reportagem analisada é do Promotor Público Wellington César Lima e Silva, que fora nomeado Ministro da justiça no governo de Dilma Rousseff, ficando neste cargo entre os dias 03 e 14 de março de 2016.

Figura 7 – Promotor Wellington César Lima e Silva



Fonte: *Carta Capita* (2016)

Os oradores, sem dar muitos detalhes de sua indicação, trazem a configuração que esta nomeação fora traçada, mencionando o voto de exceção do Ministro Mello do STF a este respeito, a



Nº9 (2023)

contradição existente pelo fato de realmente existir a proibição na Carta Magna de integrante do Ministério Público em assumir cargos do poder executivo, mas existir egressos do MP no governo Alckmin em São Paulo. A associação dessa imagem liga indiretamente ao que se foi ventilado durante esses dias de turbulência, com a possível nomeação de Lula também a um Ministério. Pode-se inferir dessa maneira, pelo fato de os oradores tratarem como “inútil” tal ação caso Lula fosse efetivado como Ministro. Essa problemática narrada pode ser verificada na imagem de Wellington, apesar de estar sentado, com as pernas cruzadas e bem acomodado, a sua feição mostra um certo incômodo e apatia sobre o que está olhando, o que acaba, de certa forma, confirmando para o auditório o que está sendo apresentado na matéria.

Considerações finais

Diante da pesquisa realizada, pudemos evidenciar, com maior ênfase, a construção dos *ethos* que se destacam nessa conjuntura. O primeiro *ethos*, o dos autores da reportagem, representa o pensamento simbiótico pelo qual a revista se propõe a discutir. Nesse tema específico, fatos políticos de nossa recente história, posicionando-se de maneira crítica à maneira articulada desses embates entre a justiça e a administração política, surgindo uma evidente partidarização do poder judiciário. O segundo *ethos* apresentado é o de Lula, que, como figura pública histórica de nosso país, construiu um *ethos* e sofre uma tentativa de mudança destrutiva dessa sua imagem, diante dos fatos que são envolvidos negativamente com seu nome. E, por fim, apresentamos o *ethos* dissidente – suscitado por Haddad (2005) representado, aqui nessa pesquisa, por Marco Aurélio de Mello, como sendo aquele que vai de encontro com seus pares e critica publicamente as ações arbitrárias ocorridas contra Lula, no caso específico da condução coercitiva sofrida por este.

Ademais, vale destacar que, com essa pesquisa, pudemos constatar a importância que as imagens possuem no processo da construção argumentativa, visto que o orador pode manipular ou reforçar aquilo que é dito no discurso, ocasionando uma comunhão com o auditório acerca do assunto defendido.

Referências Bibliográficas

- AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Ruth Amossy (org.). São Paulo: Contexto, 2005.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. [384-322 a.C]. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.
- CARTA CAPITAL**. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br>. Último acesso em 04 de abril de 2019.



Nº9 (2023)

FERREIRA, Luiz Antônio. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**/ - 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

HADDAD, Galit. Ethos prévio e ethos discursivo: o exemplo de Roman Rolland. In: **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. AMOSSY, Ruthy (org.); São Paulo: Contexto, 2005 p. 145-165.

JESUS, Gilvan Santana de. **Impeachment da presidenta Dilma Rousseff**: a legitimação do processo pelo dispositivo midiático. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão-SE, 2017, 100f.

MAINGUENEUAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. AMOSSY, Ruth (org.); São Paulo: Contexto, 2005, p. 69-92.

MARIANO, Márcia Regina Pereira Curado. Como Itabaiana se mostra (ou é mostrada) na mídia. A questão do auditório em Perelman: o que as capas de revista dizem sobre os leitores. In: **Diversas faces de Itabaiana: análise de imagens discursivas da Cidade dos Caminhoneiros**. Márcia R. C. Mariano; Flávio P. Santana (Orgs.) – Aracaju: ArtNer Comunicação, 2016 p, 17-54

MARIANO, Márcia Regina Pereira Curado; SANTANA, Flávio Passos. Como Itabaiana se mostra (ou é mostrada) na mídia. A construção do ethos de uma cidade e de seus habitantes em uma revista local. In: **Diversas faces de Itabaiana: análise de imagens discursivas da Cidade dos Caminhoneiros**. Márcia R. C. Mariano; Flávio P. Santana (Orgs.) – Aracaju: ArtNer Comunicação, 2016 p, 55-71.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**: a nova retórica [1958]. Maria Ermantina Galvão G. Pereira (Trad.) – 2ª ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2005.

REBOUL, Oliver. **Introdução à Retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benetti. – 2. Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.